

NOTA DOS EDITORES

É com satisfação que a Antropolítica. Revista Contemporânea de Antropologia, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, apresenta seu número 55.2, nesse segundo quadrimestre de 2023.

Em continuidade com nossa política de chamada e publicação de Dossiês temáticos aberta a programas de pós-graduação e instituições distintos, publicamos nesta edição dois Dossiês. Com essa iniciativa visamos a ampliação e diversificação dos temas e colegas envolvidos no processo de publicação na Revista e, ao mesmo tempo, propor diferentes discussões temáticas dentro de cada número.

O primeiro dossiê tem como título **Gênero, sexualidade, Estado e violência**. Foi proposto e organizado por Natalia Lago (Unicamp), Juliana Farias (UERJ) e Roberto Efrem Filho (UFPB), com o objetivo de reunir trabalhos que, a partir de pesquisas etnográficas, articulem discussões sobre processos de Estado e violência com relações de gênero e sexualidade e de suas possíveis articulações com raça, geração, classe e território. Composto por seis artigos, além da apresentação assinada pelas organizadoras, o dossiê apresenta etnografias a partir do diálogo entre uma Antropologia do Estado e os estudos de gênero e sexualidade, a partir das diferenciações, desigualdades e conflitos em campos empíricos diversos que operam a partir de linguagens e práticas tanto de gestão, classificação e controle quanto de reivindicações por direitos.

O segundo dossiê temático deste número intitula-se **Múltiplos olhares sobre o papel atual das religiões no campo político global**, e foi proposto e organizado pelos professores Renata Siuda, da Ambroziak Uniwersytet Warszawski, Polônia; Joana Bahia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Marcelo Ayres Camurça, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Além da apresentação, o dossiê reuniu seis artigos com o objetivo de discutir sobre vários aspectos das relações contemporâneas entre a política e a religião no contexto global. Os trabalhos buscam examinar as tensões, os discursos empregados, as alianças estabelecidas e as razões, ações e estratégias empreendidas para a promoção ou consolidação de posições do religioso e do político no espaço público em especial no Brasil, mas, em alguns casos, com reflexos transnacionais.

Além desses dois debates temáticos, o presente número da Antropolítica traz quatro artigos com temática livre, oriundos do fluxo contínuo da revista e um artigo na seção “Trajetórias e Perspectivas”. Por fim, incluímos também uma resenha de um livro da área.

A seção de Artigos inicia com o trabalho **Hacia una etnografía participativa de las prácticas artísticas: dilemas, reconfiguraciones y sentidos de pertenencia en juego en un estudio del teatro callejero**, de Francesca Rindone, da Universidad de Buenos Aires, Argentina. A partir do trabalho de campo desenvolvido com uma comunidade artística, especificamente de teatro de rua, em um espaço verde localizado na cidade de Buenos, o artigo traz uma reflexão sobre alguns dos dilemas que surgiram durante a pesquisa, considerando a variedade de experiências vividas pela autora como estudante de teatro, como atriz e como participante da comunidade artística. Assim, entendendo que não há um modelo para o trabalho de campo etnográfico, a autora narra sua experiência em primeira pessoa, para mostrar como algumas práticas derivadas do trabalho artístico e da gestão cultural podem contribuir para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica.

O artigo seguinte, de Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas, da Universidade de Brasília, intitula-se **Preço e o pódio: saúde mental e grupos terapêuticos com universitários em Fortaleza**. A partir de uma pesquisa com dois grupos terapêuticos em duas universidades na cidade de Fortaleza, no Ceará, o autor busca entender quais fatores contribuem para o adoecimento psíquico de estudantes universitários e de que forma a atuação dos grupos terapêuticos com os estudantes atuam sobre este sofrimento. Através da análise de duas entrevistas e do material construídos ao longo da pesquisa, o artigo procura refletir sobre os efeitos da vida acadêmica sobre os estudantes ingressos na faculdade e sobre os modos de reconhecimento e acolhimento das narrativas que podem contribuir para a construção e reconstrução de identidades dos discentes e do bem-estar na academia.

Em seguida, o artigo **Comensalidade e honra pioneira numa área de agronegócio**, de Luciana Schleder Almeida, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, discute o avanço do agronegócio sobre novas áreas a partir da análise de festas religiosas e banquetes filantrópicos que mobilizam as famílias de colonos na microrregião do Alto Teles Pires, no Mato Grosso. O artigo foca a análise nas expressões simbólicas das formas de hierarquização nessa nova sociedade e apresenta uma reconstituição das relações sociais estabelecidas na emergência da nova sociedade pioneira, enfocando marcadores de gênero e étnico-raciais operantes na expansão do agronegócio sobre novas áreas.

O último artigo da seção, **Um antropólogo brasileiro nos Estados Unidos: Arthur Ramos e o curso sobre Raças e Culturas no Brasil**, de Amurabi Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina, analisa as condições de possibilidade do antropólogo brasileiro ter lecionado o mencionado curso nos Estados Unidos. Assim, o artigo ilumina a trajetória naquele país de um dos mais proeminentes antropólogos brasileiros da primeira metade do século XX

e um dos responsáveis pelo processo de institucionalização da antropologia no Brasil, que, segundo Amurabi, é pouco debatida entre os antropólogos brasileiros.

Após os artigos livres, segue a seção “Trajetórias e Perspectivas”. A mesma tem como objetivo a publicação de artigos e ensaios que abordem reflexões sobre o fazer antropológico, a partir das experiências e trajetórias de antropólogos brasileiros e estrangeiros, bem como do histórico de constituição e/ou consolidação de áreas ou campos de pesquisa no Brasil e em outros países.

Neste número, publicamos, o artigo **A contribuição dos INCTs para a sociedade-processos institucionais de administração de conflitos no Brasil: a institucionalização das práticas de desigualdade de tratamento jurídico**, do professor Roberto Kant de Lima, das Universidades Federal Fluminense e Veiga de Almeida. Trata-se de uma versão ampliada e aprofundada do texto apresentado como palestra durante o webinar promovido pela Academia Brasileira de Ciências e o CNPq, intitulado “A Contribuição dos INCTs para a Sociedade”, na Mesa “INCTs, Desigualdade e Democracia”, realizado em 7 de junho de 2022. O artigo publicado na Antropolítica apresenta o Programa dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia e explicita características acadêmicas e institucionais do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos, sediado na UFF. Tal instituto pode ser entendido como resultado de uma trajetória profissional e institucional de uma rede nacional e internacional de pesquisadores/as.

Por fim, o número 55.2 da Antropolítica traz a resenha da reedição do livro *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon. Originalmente publicado em 1968, com prefácio de Jean Paul Sartre, a obra foi republicada no Brasil em 2022 pela editora Zahar. A resenha, intitulada **Epistemologias de resistência: estratégias de enfrentamento da opressão colonial**, foi elaborada por Flávia Ribeiro Amaro, da Universidade Metodista de São Paulo. Amaro apresenta alguns dados da biografia do autor e a estrutura da obra. Explicita mais especificamente as críticas tecidas por Fanon ao apreender a relação entre colonialismo, raça, psiquiatria e luta. Em especial, a tese do autor sobre como a questão da cor funciona como um mecanismo de separação entre o que o Ocidente considera como humano e não humano.

Em relação à capa do número, seguindo a proposta de publicação de dois dossiês, optamos por reproduzir as escolhas dos respectivos organizadores. Em referência ao dossiê “Gênero, sexualidade, Estado e violência”, a imagem intitula-se “Pau oco”. De autoria de Irandhir Santos, conforme explicam as organizadoras do dossiê, alude a uma figura versátil que, a depender daquilo que veste, pode tornar-se o que deseja, inclusive a “safadeza” que se expressa em sua saia ou manto. O manto abraça a figura, mantendo-a na estrutura original, que é

oca. Da referência à imagem do “santo do pau oco” afasta-se o “santo”, ainda que permaneçam a imponência e a autoridade, para que se desfrute de liberdade. O pau é oco, afinal, porque pode ser preenchido.

Em relação ao dossiê “Múltiplos olhares sobre o papel atual das religiões no campo político global”, ilustramos o número com imagens feitas em Oude Kerk, de autoria de Fernando Miceli. Conforme apresentam os organizadores do dossiê, o edifício da Igreja Oude Kerk foi fundado por volta de 1213 e consagrado em 1306 pelo bispo de Utrecht, tendo São Nicolau como padroeiro. O edifício foi sendo ampliado ao longo dos séculos. A Oude Kerk não é apenas uma igreja, é um belo símbolo histórico de tolerância religiosa na Holanda. Uma igreja que não era usada apenas por católicos, mas também por protestantes. Para onde quer que você olhe nesta igreja, você vê objetos históricos do passado em todos os lugares e todos eles têm uma história para contar.

Para finalizar, lembramos a nossos/as leitores/as que continuamos a receber submissões de interesse para a área das Ciências Sociais, em especial no campo da Antropologia, em regime de fluxo contínuo, através do site <http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica>, no qual podem ser encontradas as normas de publicação e outras informações. Mantemos o nosso e-mail (antropoliticauff@gmail.com) para eventual contato. Sugerimos também acompanhar nossas notícias também através do perfil do Facebook, Instagram ([antropoliticauff](#)) e no Twitter ([@RAntropolitica](#)).

Boa leitura!